



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA – AMÉRICA LATINA

A VILA DE VISTA ALEGRE: UMA HISTÓRIA SUBMERSA

ANDRÉIA CRISTINA BERLANDA VIANA

Foz do Iguaçu

2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
(ILAACH)**

HISTÓRIA – AMÉRICA LATINA

A VILA DE VISTA ALEGRE: UMA HISTÓRIA SUBMERSA

ANDRÉIA CRISTINA BERLANDA VIANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História da América Latina.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Rita Uhle

Foz do Iguaçu

2024

ANDRÉIA CRISTINA BERLANDA VIANA

**A VILA DE VISTA ALEGRE:
UMA HISTÓRIA SUBMERSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História da América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Ana Rita Uhle
UNILA

Profa. Dra. Endrica Geraldo
UNILA

Prof. Dr. Hernán Venegas Marcelo
UNILA

Foz do Iguaçu, 15 de outubro de 2024.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor/a: ANDRÉIA CRISTINA BERLANDA VIANA

Curso: HISTÓRIA - AMÉRICA LATINA

Tipo de Documento	
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(X) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: A VILA DE VISTA ALEGRE: UMA HISTÓRIA SUBMERSA

Nome do orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Rita Uhle

Data da Defesa: 15/10/2024

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor:

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública [Creative Commons Licença 3.0 Unported](#).

Foz do Iguaçu, 15 de outubro de 2024.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a todos aqueles cujos sonhos foram interrompidos pela força das circunstâncias, mas que, com coragem, resistiram ao apagamento de suas histórias. Que suas memórias permaneçam vivas e que suas lutas inspirem as futuras gerações a valorizar e preservar o passado, mesmo diante dos desafios do presente.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta monografia. Em primeiro lugar, agradeço sinceramente aos entrevistados, que generosamente compartilharam suas histórias de vida e memórias, permitindo que este trabalho ganhasse forma e significado.

Manifesto também meu mais sincero agradecimento à minha orientadora, Ana Rita Uhle, por sua orientação, pelas sugestões valiosas e por me guiar com paciência ao longo desta jornada acadêmica.

Aos professores e colegas do curso de História – América Latina pela constante troca de conhecimentos, críticas construtivas e sugestões que enriqueceram as reflexões apresentadas nesta monografia, sou profundamente grata.

À minha família, meu porto seguro, por seu apoio incondicional, carinho e encorajamento, especialmente nos momentos mais desafiadores. Sem vocês, este caminho teria sido muito mais árduo.

Por fim, agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, estiveram ao meu lado ao longo desta jornada. Este trabalho também é resultado da colaboração e incentivo de cada um de vocês. Muito obrigada!

“Uma lembrança é como um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito”.

(Marilena de Souza Chaui)

RESUMO

A presente monografia tem como foco o resgate das memórias da Vila de Vista Alegre, uma comunidade rural localizada no oeste do Paraná, que foi submersa pelas águas do Lago de Itaipu em decorrência da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Vista Alegre, como muitas outras vilas da região, foi apagada do mapa físico e das narrativas oficiais de progresso e desenvolvimento, restando apenas nas lembranças de seus ex-moradores. Através da metodologia da História Oral, como discutida por Sônia Maria de Freitas, foram coletados depoimentos daqueles que viveram na vila antes do alagamento, preservando uma história que corre o risco de ser esquecida. Este estudo se ancora nos conceitos de memória coletiva de Maurice Halbwachs, que propõe que a memória está intrinsecamente ligada ao contexto social e físico, e nas reflexões de Michael Pollak sobre as memórias subterrâneas, que resistem ao apagamento pelas narrativas oficiais. Além disso, a pesquisa se vale das contribuições de Elizabeth Jelin, que analisa a memória como um campo de disputa social e política, onde certos grupos lutam para preservar suas histórias contra o esquecimento imposto pelo poder dominante. A monografia revela como os moradores de Vista Alegre, ao recordar suas vivências e vínculos afetivos com a terra, resistem ao esquecimento e à invisibilidade promovida pelo Estado e pela narrativa de progresso vinculada à usina. Ao trazer essas memórias à tona, este trabalho não apenas resgata a história de uma vila apagada, mas também questiona as consequências sociais e culturais das grandes obras de infraestrutura no Brasil, oferecendo uma reflexão crítica sobre o impacto humano do desenvolvimento.

Palavras-chave: Vista Alegre; Itaipu; Memória Coletiva; História Oral; Progresso; Desapropriação; Invisibilidade Histórica.

RESUMEN

Esta monografía se centra en recuperar la memoria de Vila de Vista Alegre, una comunidad rural ubicada en el oeste de Paraná, que quedó sumergida por las aguas del lago de Itaipú como consecuencia de la construcción de la Central Hidroeléctrica de Itaipú. Vista Alegre, como muchos otros pueblos de la región, fue borrado del mapa físico y de las narrativas oficiales de progreso y desarrollo, quedando sólo en la memoria de sus antiguos residentes. A través de la metodología de la Historia Oral, discutida por Sônia Maria de Freitas, se recogieron testimonios de quienes vivían en la aldea antes de la inundación, preservando una historia que corre el riesgo de ser olvidada. Este estudio se basa en los conceptos de memoria colectiva de Maurice Halbwachs, que propone que la memoria está intrínsecamente vinculada al contexto social y físico, y en las reflexiones de Michael Pollak sobre las memorias subterráneas, que se resisten a ser borradas por las narrativas oficiales. Además, la investigación se nutre de los aportes de Elizabeth Jelin, quien analiza la memoria como un campo de disputa social y política, donde ciertos grupos luchan por preservar sus historias frente al olvido impuesto por el poder dominante. El monográfico revela cómo los vecinos de Vista Alegre, al recordar sus vivencias y vínculos afectivos con la tierra, resisten el olvido y la invisibilidad promovidos por el Estado y la narrativa de progreso vinculada a la usina. Al sacar a la luz estas memorias, esta obra no sólo rescata la historia de una aldea borrada, sino que también cuestiona las consecuencias sociales y culturales de los grandes proyectos de infraestructura en Brasil, ofreciendo una reflexión crítica sobre el impacto humano del desarrollo.

Palabras clave: Vista Alegre; Itaipú; Memoria Colectiva; Historia Oral; Progreso; Expropiación; Invisibilidad Histórica.

ABSTRACT

This monograph focuses on recovering the memories of the village of Vista Alegre, a rural community located in western Paraná, which was submerged by the waters of Lake Itaipu due to the construction of the Itaipu Hydroelectric Power Plant. Vista Alegre, like many other villages in the region, was erased from the physical map and from official narratives of progress and development, remaining only in the memories of its former residents. Through the methodology of Oral History, as discussed by Sônia Maria de Freitas, testimonies were collected from those who lived in the village before the flooding, preserving a history that is at risk of being forgotten. This study is anchored in the concepts of collective memory of Maurice Halbwachs, who proposes that memory is intrinsically linked to the social and physical context, and in Michael Pollak's reflections on underground memories, which resist erasure by official narratives. Furthermore, the research draws on the contributions of Elizabeth Jelin, who analyzes memory as a field of social and political dispute, where certain groups fight to preserve their stories against the oblivion imposed by the dominant power. The monograph reveals how the residents of Vista Alegre, when remembering their experiences and emotional ties to the land, resist the oblivion and invisibility promoted by the State and the narrative of progress linked to the plant. By bringing these memories to light, this work not only rescues the history of an erased village, but also questions the social and cultural consequences of large infrastructure projects in Brazil, offering a critical reflection on the human impact of development.

Keywords: Vista Alegre; Itaipu; Collective Memory; Oral History; Progress; Expropriation; Historical Invisibility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Municípios paranaenses afetados pela formação do reservatório (lago) de Itaipu..	23
Figura 2: Recordação escolar da Escola Rui Barbosa, em Vista Alegre.....	32
Figura 3: Missa na Igreja Nossa Senhora da Saúde na comunidade de Vista Alegre.....	33
Figura 4: Festa de casamento na Igreja Nossa Senhora da Saúde em Vista Alegre.	34
Figura 5: Batizado na Igreja Nossa Senhora da Saúde em Vista Alegre.	35
Figura 6: Crisma na comunidade de Vista Alegre.	35
Figura 7: Igreja e imagem de Nossa Senhora da Saúde na atualidade.....	36
Figura 8: Travessia no Rio Paraná de Vista Alegre para Hernandarias, Paraguai.	38
Figura 9: Time de futebol da Vista Alegre - Cruzeiro Esporte Clube.....	39
Figura 10: Alagamento do reservatório de Itaipu.....	46
Figura 11: Alagamento da Vista Alegre.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDE – Administração Nacional De Electricidade PY.

ELETROBRAS – Centrais Elétricas Brasileiras SA.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

UNICON - União de Construtoras Ltda.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - A CONSTRUÇÃO DA USINA DE ITAIPU.....	20
1.1- ITAIPU: DOS ESTUDOS À REALIZAÇÃO DO PROJETO.....	21
1.2- FORMAÇÃO DO RESERVATÓRIO DE ITAIPU E A PRODUÇÃO DE UMA HISTÓRIA OFICIAL	22
CAPÍTULO 2 - A COMUNIDADE DE VISTA ALEGRE.....	26
2.1 - UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA REGIÃO AFETADA PELA CONSTRUÇÃO DE ITAIPU	26
2.2 - A HISTÓRIA DA “VILA” VISTA ALEGRE	28
2.3 - A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO PARA COMUNIDADE.....	32
CAPÍTULO 3 - MEMÓRIAS DA DESAPROPRIAÇÃO E DO ALAGAMENTO: A PERDA DE VISTA ALEGRE.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
ENTREVISTAS.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
WEBGRAFIA.....	55

INTRODUÇÃO

A partir dos anos 1950 a região do oeste do Paraná passou por diversas transformações demográficas, políticas e sociais. Com a chegada de migrantes, em sua maioria oriunda do sul do país¹, e também com a formação e emancipação de vários municípios.

Isso se intensificou com a assinatura do Tratado de Itaipu², em 26 de abril de 1973, entre Brasil e Paraguai, para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. A primeira etapa da edificação foi a projeção da mudança do curso do rio Paraná para a construção da barragem geradora de energia. Essa primeira fase foi marcada por dois fatores, a desapropriação seguida pelo alagamento de comunidades lindeiras ao Rio Paraná.

Com o início da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, a região foi afetada com a presença de diversos fatores que mudaram sua configuração demográfica e geográfica, com o alagamento de uma área de 1.350 quilômetros quadrados, entre Brasil e Paraguai, afetando, somente no lado brasileiro, cerca de 40 mil pessoas³. Foz do Iguaçu foi a cidade mais afetada pela construção da hidrelétrica e com a chegada de operários que vinham de toda parte do país em busca de emprego em um empreendimento de porte gigantesco.

Na presente pesquisa tratamos da fundação e desaparecimento da vila Vista Alegre, submersa pelo Rio Paraná, também conhecido como Lago de Itaipu, para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná. Para tanto, buscamos entre os antigos moradores registrar histórias vividas em Vista Alegre, vila fundada em 1960, desapropriada a partir de 1975 e submersa pelo Lago de Itaipu.

A elaboração deste trabalho parte da constatação que a desapropriação, seguida do alagamento, apagou parte da história das pessoas que viviam na comunidade da vila Vista Alegre, encoberta pelas águas durante a construção de Itaipu. Como ainda não era um distrito formalmente registrado, inexistem fontes oficiais sobre o local, apenas fotografias e as memórias das pessoas que fizeram parte da comunidade. Portanto, com a escassez de fontes, o

¹ De acordo com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Oeste paranaense: **Estudo Os Vários Paranás**. O 3º espaço relevante: especificidades e diversidades / Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. – Curitiba: IPARDES, 2008. Disponível em <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/varios_paranas_sintese.pdf> (acesso em 20/09/2020).

² Dados sobre o Tratado de Itaipu. **Itaipu Binacional/Documentos Oficiais**. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/u13/tratadoitaipu.pdf>> (acesso em 20/09/2020).

³ Dados retirados do livro: MAZZAROLLO, Juvêncio - **A taipa da injustiça**: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu. Edições Loyola - São Paulo. 2003.

objetivo desta pesquisa foi localizar, registrar e analisar as memórias dos antigos moradores de Vila Vista Alegre, com foco nas vivências e sentimentos relacionados à desapropriação e ao alagamento. Utilizando narrativas orais e fotografias da década de 1960 e 1970, buscamos reconstruir uma história local que foi excluída pela ausência de registros oficiais.

Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos secundários: problematizar o contexto histórico da implantação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, analisar a formação e fundação da vila Vista Alegre, bem como, as vivências, a desapropriação e o alagamento do local a partir das lembranças dos antigos moradores.

Trabalhamos, nesta pesquisa, bibliografia referente ao conceito histórico da usina hidrelétrica de Itaipu e o site oficial da Itaipu Binacional. Também trabalhamos o conjunto de fontes orais e fotografias, tendo em vista observar, através dessas fontes, a hipótese de que com a desapropriação, seguida do alagamento e a ausência de registros oficiais sobre a vila Vista Alegre, só será possível construir uma história local através das narrativas, memórias e fotos dos antigos moradores da comunidade. As fontes nos permitiram essa observação porque o grupo de entrevistados selecionados fazia parte da comunidade da vila Vista Alegre e vivenciou todas as histórias que serão narradas, assim como as fotografias analisadas fazem parte da história das pessoas da comunidade. Por meio desse conjunto de fontes será construída e analisada uma história da comunidade, que foi invisibilizada por outras fontes, tendo sua história apenas conservada em suas lembranças, memórias e fotografias.

Foram realizadas entrevistas com seis antigos moradores de Vista Alegre, com idades entre 63 e 88 anos, que viveram na vila antes do alagamento. As entrevistas abordaram temas como a vida cotidiana, como memórias afetivas e o impacto emocional da desapropriação. As narrativas foram descobertas à luz das teorias de memória coletiva de Maurice Halbwachs e das memórias subterrâneas de Michael Pollak, identificando padrões de resistência e apagamento histórico.

Trabalhamos com as entrevistas a partir da metodologia da História Oral, conforme definido por Sônia Maria de Freitas no seu livro *História oral: possibilidades e procedimentos*, (2006). Tendo em vista obter as narrativas de memórias das pessoas que habitavam na comunidade e, através dessas narrativas, rememorar a história da vila Vista Alegre. Para Freitas (2006), a História Oral não apenas registra os eventos, mas também capta as experiências

vividas e as interpretações pessoais desses eventos, fornecendo uma visão única sobre como as pessoas lidam com o passado.

A História Oral fez-se essencial para o resgate de memórias sobre histórias vividas na vila Vista Alegre, pois foi narrada por seus antigos moradores e trouxe outros olhares sobre a desapropriação da região e o alagamento de Itaipu, e pode colaborar para visibilizar as comunidades marginalizadas e os sujeitos esquecidos nas narrativas históricas oficiais, onde buscamos trazer memórias silenciadas pelo discurso oficial, mostrando a importância dessa história que não foi enquadrada no discurso dominante.

Os acontecimentos que estudamos aqui podem ser melhor compreendidos, em nossa visão, se pensados a partir do conceito de memória. Esta categoria foi definida por Maurice Halbwachs em *A Memória Coletiva* nos seguintes termos, “a memória é um fenômeno pessoal e pertencente, a cada indivíduo, o que as pessoas lembram faz sempre referência à sua posição nas relações sociais do passado” como explica Halbwachs (1990 p. 27-33). Toda memória é sempre parcial mesmo sendo memórias de um grupo, porque necessitam de um processo de seleção dessas recordações. As memórias de um indivíduo, estão associadas à capacidade de retornar aos fatos vividos e depende diretamente do quão afetivo foram essas memórias para esse indivíduo, já as memórias coletivas que pertencem a um grupo dependem da organização destas pelo grupo e de como serão expostas.

Michael Pollak em *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989), afirma que Halbwachs, ao invés de enxergar na memória coletiva um meio de controle, uma forma de dominação ou opressão simbólica, destaca os benefícios proporcionados pela memória compartilhada, como o fortalecimento dos laços sociais, não por meio de imposição, mas através do sentimento de pertencimento ao grupo, o que ele chama de "comunidade afetiva". Pollak diferencia-se ao propor que a memória não é um fato social, mas o processo de criação desse fato social. Seguindo as ideias de Halbwachs, este trabalho pretende demonstrar que só será possível rememorar a história da vila Vista Alegre, a partir das narrativas e memórias de seus antigos moradores, pois a história desta vila foi oficialmente apagada com a formação do lago de Itaipu. De acordo com Michael Pollak:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’, no caso memória nacional (Pollak, 1989, p. 3).

A história difundida ainda hoje nas veiculação de mídias institucionais sobre a história do Oeste paranaense, do alagamento e da implantação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, reforça a ideia de que a usina só trouxe o progresso, a partir de um modelo de memória coletiva, que foi produzida desde o período da construção da Usina. A história de Itaipu⁴ teve seu trabalho de enquadramento construído e legitimado através de publicações próprias e, principalmente, através de publicações de jornais, desde o Tratado de Itaipu, assinado em 1973, inviabilizando a história das comunidades e das pessoas que residiam nos territórios submersos para a construção da Itaipu. Conforme Pollak:

Assim como uma "memória enquadrada", uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, esse resumo condensado de uma história social individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada. Mas assim como no caso de uma memória coletiva, essas variações de uma história de vida são limitadas. Tanto no nível individual como no nível do grupo, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como os sinais distintivos de uma memória crível e de um sentido de identidade assegurados (POLLAK, 1989, p. 11).

De acordo com Hebe Castro em *Domínios da história : ensaios de teoria e metodologia*, a história social "propunha uma história problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais Ciências Humanas, num constante processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico" (1997, p. 76-77), onde trabalha com "perspectiva de síntese, como reafirmação do princípio de que, em história, todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam" (1997, p.78), buscando analisar diversas fontes, considerando não apenas documentos oficiais, mas a variedade de registros, de um grupo ou de uma comunidade.

Por meio dessa abordagem da História Social, por sua reavaliação metodológica da história, temos a possibilidade de discutir o uso das fontes orais para reconstruir a história de Vista Alegre. A História Social também nos possibilita investigar e desenvolver problemas históricos específicos sobre diferentes grupos sociais, os quais permaneceram ignorados, assim como a existência da vila Vista Alegre, que permanece esquecida com o alagamento e não faz parte da história oficial. Sendo assim a História Social nos permite, reconstruir a sua história através das narrativas e memórias de seus antigos moradores pelas fontes orais.

Utilizando as discussões acerca do conceito de memória presente no texto de Michael Pollak intitulado *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989), buscamos registrar memórias

⁴ **Itaipu Binacional/Nossa História**. Disponível em <<https://www.itaipu.gov.br/nossa-historia>> (acesso em 20/09/2020).

silenciadas pelo discurso oficial, mostrando a importância dessa história que não foi enquadrada no discurso dominante. Segundo Pollak:

Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais (POLLAK, 1989, p.10).

Esse enquadramento das memórias que permaneciam subterrâneas, nos revela uma memória de resistência que, apesar de estar silenciada pelo discurso oficial, permite-nos uma volta ao passado e o resgate da história tão aguardada pelos sujeitos que foram marginalizados, onde cada história de vida precisa ser tida como meio de reconstrução da identidade (POLLAK, 1989).

O interesse pelo presente estudo originou-se pela relação familiar e de amizade com diversas pessoas que viveram na vila Vista Alegre. Ao longo dos anos que sucederam ao alagamento, em todas as reuniões familiares, o assunto predominante é sobre a nostálgica Vista Alegre. Para eles é como se tivessem sido tirados de um pequeno paraíso, e que os melhores anos de suas vidas foram vividos naquele lugar, que hoje só existe em suas lembranças, pois está submerso pelo Lago de Itaipu. É a partir das narrativas e memórias dessas pessoas que buscamos rememorar parte da história desse lugar que foi invisibilizado pelo discurso oficial da história do alagamento.

No primeiro capítulo trabalhamos o contexto histórico da Usina Hidrelétrica de Itaipu, desde os estudos e o primeiro projeto para a construção, o Tratado de Itaipu entre Brasil e Paraguai, o processo de demarcação e desapropriação das terras, a formação do reservatório e o alagamento da área, até a inauguração da usina, além das mudanças ocorridas na região oeste do Paraná como consequência do alagamento do lago de Itaipu.

No segundo capítulo buscamos trazer informações sobre a ocupação e desenvolvimento da região do oeste paranaense, onde está localizada Itaipu, para entendermos o contexto de vida das pessoas que foram “prejudicadas” pela desapropriação de suas terras. Também abordamos, através das narrativas e memórias de sujeitos que faziam parte da comunidade, a história da formação e a fundação da “vila” Vista Alegre, bem como, vivências e memórias dos seus antigos moradores. Como as lembranças sobre as relações sociais naquela comunidade, além

dos relatos de memórias de datas, ocasiões e comemorações consideradas importantes vivenciadas pelos moradores.

O terceiro capítulo analisa as memórias dos antigos moradores da “vila” Vista Alegre sobre o processo de desapropriação das terras, as indenizações insatisfatórias, o alagamento e a consequente remoção involuntária da comunidade, e o "apagamento" de sua existência. Neste capítulo tratamos ainda das mudanças vivenciadas pela comunidade, a adaptação e o recomeço dos expropriados em um novo local, que modificaram as relações de pertencimento dos antigos moradores da vila Vista Alegre. Além da ausência de fontes oficiais sobre a comunidade e a desconfortante situação daqueles que nasceram e cresceram na região e já não tem mais um local de origem.

CAPÍTULO 1 - A CONSTRUÇÃO DA USINA DE ITAIPU

“Há muitos anos passados
 Já se ouvia falar
 Na gigante obra Itaipu,
 Sobre o rio Paraná.
 Mas não se ouvia comentário,
 De Quando iria começar
 Mas porém chegou o dia
 Que dois países se unia,
 Para a grande obra começar”.
Laurentino Schwartz Haupt⁵

Este capítulo, aborda a história da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional, desde seus primeiros estudos e projetos, passando pela escolha do local da construção, a demarcação das terras, a desapropriação, a formação do lago e a conclusão da obra, até o alagamento e suas consequências.

Usamos como fonte de pesquisa para análise da história da Itaipu o site institucional da Itaipu Binacional, o livro do jornalista Juvêncio Mazzarollo, *A TAIPA DA INJUSTIÇA: Esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu* (2003) e o livro de Guiomar Inez Germani, *Expropriados. Terra e Água: O conflito de Itaipu* (2003). Através dessas fontes, problematizamos essa história, que de um lado é apresentado como glorioso, benéfico, progressista e vitorioso, mas de outro revela descaso, abalo econômico, abandono social e psicológico, expropriação de terras, êxodo rural e um completo desastre ecológico, incluindo o desaparecimento das Sete Quedas na região de Guaíra, além da submersão de distritos e vilas, como a que apresentamos neste trabalho.

Analisamos o site institucional de Itaipu a partir da perspectiva proposta por Tania Regina de Luca em *História dos, nos e por meio dos periódicos* (2008), em que ela analisa a imprensa como fonte histórica. Segundo De Luca, “(...) embora tomasse o jornal como uma das "principais fontes de informação", ponderava que "nem sempre a independência e exatidão dominam o conteúdo editorial", caracterizado como "mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso”. (DE LUCA, 2008, p. 115-116)

De acordo com Tania Regina de Luca:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na

⁵ Haupt, Laurentino Schwartz. O Que Era Antes de Ser Itaipu. I Estrofe. Informativo UNICON- 8 de julho de 1978. P. 5.

vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero "veículo de informações", transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO; PRADO, 1980, p. XIX apud DE LUCA, 2008, p. 118).

Além disso, analisamos o enquadramento da construção dessas memórias da história de Itaipu, sob a perspectiva de Michael Pollak, *Memória Esquecimento, Silêncio*, (1989).

1.1- ITAIPU: DOS ESTUDOS À REALIZAÇÃO DO PROJETO

Conforme o Tratado de Limites assinado pelo Brasil e Paraguai em 1872, após a Guerra da Tríplice Aliança, popularmente conhecida por Guerra do Paraguai (1864-1870), a extensão do Rio Paraná que margeia ambos os lados do Brasil e Paraguai, ficou como delimitação de fronteira e pertencente ao território dos dois países. Porém, não foi bem delimitada a fronteira na região dos Saltos das Sete Quedas em Guaíra, por questões topográficas.

Os interesses sobre o imenso potencial energético do Rio Paraná começaram com o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960), que custeou estudos técnicos na região, porém, a conclusão desses estudos e o esboço do primeiro projeto⁶, só foram apresentados em 1961-1962, durante a presidência de Jânio Quadros (1961-1964), que governou durante o período 31 de janeiro de 1961 a 25 de agosto de 1961 e de João Goulart (1964-1968) que governou de 1961 à 1964. Contudo, somente em 22 de junho de 1966 com a assinatura da "Ata do Iguazu"⁷, formalmente realizada em Foz do Iguazu pelos Ministros de Relações Exteriores do Brasil, Embaixador Juracy Magalhães, e do Paraguai, Doutor Raúl Sapena Pastor. Conforme a Ata Do Iguazu item III: ambos os governos, estariam em concordância com os estudos e pesquisas da viabilização econômica dos recursos hídricos do Salto de Sete Quedas de Guaíra que pertencia em condomínio aos dois países. Em 1967, Brasil e Paraguai formaram a Comissão Técnica Brasileiro-Paraguaia para o cumprimento da Ata do Iguazu na atribuição referente aos estudos sobre os recursos hídricos do Rio Paraná.

Brasil e Paraguai assinaram em 10 de abril de 1970, um convênio de cooperação entre a Comissão Técnica Brasileiro-Paraguaia, a Eletrobras e a ANDE⁸, para avaliar as alternativas técnicas e econômicas e a potencialidade hidrelétrica da extensão fronteiriça do Rio Paraná.

⁶ O primeiro projeto referente ao aproveitamento energético do Rio Paraná, mais precisamente dos Saltos de Sete Quedas de Guaíra, foi elaborado pelo engenheiro militar Pedro Henrique Hupp.

⁷ **Itaipu Binacional/ Ata Iguazu**. Disponível em:

<https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/af_df/ataiguacu.pdf> Acesso em 06 de março de 2024.

⁸ Eletrobrás (Centrais Elétricas Brasileiras S.A.), ANDE (Administração Nacional de Eletricidade) do Paraguai.

Assim foi definido o melhor local para a construção de uma usina, local chamado de Itaipu, que em guarani quer dizer: “a pedra que canta”.

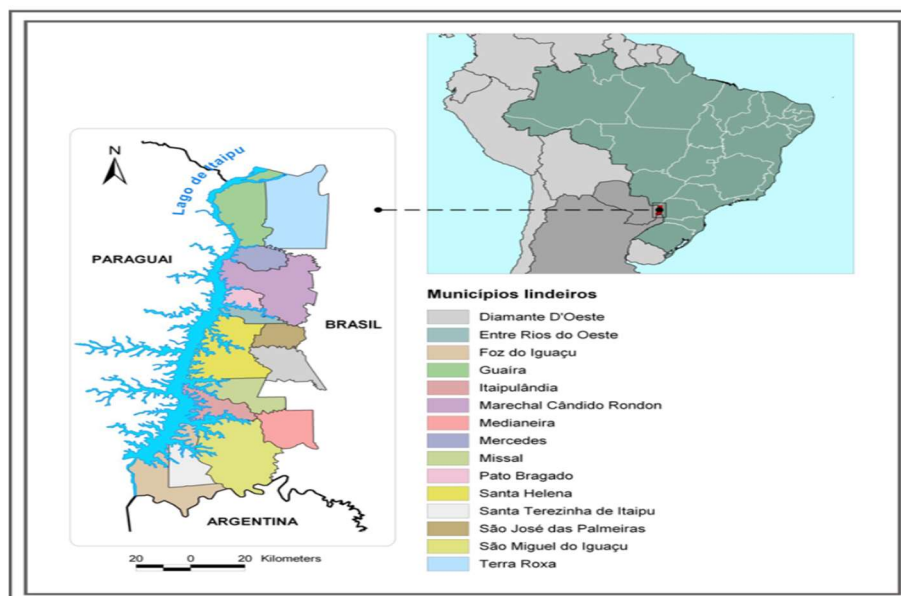
Em 23 de abril de 1973, foi consolidado o acordo de construção com o tratado de Itaipu, pelos generais presidentes, do Brasil, Emílio Garrastazu Médici (1905-1985), (Governo: 1969-1974), e do Paraguai, Alfredo Stroessner (1912-2006), (Governo:1954-1989). Em 17 de maio de 1974, constituíram uma empresa binacional, com o nome de Itaipu Binacional, empossando o primeiro conselho administrativo e a primeira diretoria executiva para ambos os países, sendo o diretor geral do brasil o general José Costa Cavalcanti e do Paraguai o engenheiro Enzo Debernardi, concedendo-lhes o direito de explorar ao longo de 50 anos a potencialidade hidrelétrica do Rio Paraná, que é compartilhado pelos dois países em regime de condomínio, desde o Salto Sete Quedas de Guaíra até a desembocadura do Rio Iguaçu.

As obras tiveram início em 1975 com a abertura do canal de desvio do rio que foi finalizado em 1978. Brasil, Paraguai e Argentina firmaram um acordo em 19 de outubro de 1979 onde definiram regras para a exploração hidráulica na bacia que banha os três países. Em outubro de 1982, foi concluída a construção da barragem, com as comportas fechadas em apenas 14 dias, formou-se um lago de 1.350 Km². A hidrelétrica entrou em operação em 05 de maio de 1984, sendo inaugurada em 25 de outubro do mesmo ano, pelos presidentes do Brasil João Batista Figueiredo (1918-1999), (Governo:1979-1985) e Alfredo Stroessner (Paraguai).

1.2- FORMAÇÃO DO RESERVATÓRIO DE ITAIPU E A PRODUÇÃO DE UMA HISTÓRIA OFICIAL

Para a formação do reservatório de Itaipu, foi comprometida, no lado brasileiro, uma área de 111.332 de hectares, entre alagamento e reflorestamento, no Extremo Oeste do Paraná (FIGURA 1), que na época correspondia a oito municípios. Em conjunto a sub-região perdeu 13,90% de seu território. Guaíra perdeu 10,30%; Terra Roxa, 0,22%; Marechal Cândido Rondon, 17,78%; Santa Helena, 31,73%; Matelândia, 0,45% Medianeira, 3,45%, São Miguel do Iguaçu, 21,49% e Foz do Iguaçu, 26,77% (GERMANI, 2003, p.51,52).

Figura 1: Municípios paranaenses afetados pela formação do reservatório (lago) de Itaipu



Fonte: Base Cartográfica IBGE Nota: Elaboração de Cleverson A. Reolon, doutorando em Geografia na Universidade Estadual Paulista (Unesp/PP)⁹.

Segundo Juvêncio Mazzarollo (2003, p.32), “as terras ocupadas pela Itaipu são classificadas entre as mais férteis do mundo”. O alagamento gerou perdas para os municípios afetados que vão além do território, considerando toda a produção agrícola, investimento para deixar as terras mais produtivas, maquinários, evasão populacional, infraestruturas como estradas, hospitais, igrejas, propriedades de órgãos públicos, escolas, indústrias e comércio, residências, redes e instalações elétricas, além do isolamento de algumas regiões.

Na área alagada viviam aproximadamente 40.000 pessoas, só do lado brasileiro, dentre essas, cerca de 25 famílias indígenas do grupo Avá-Guarani, e cerca de 20.000 pessoas na margem paraguaia, dentre elas, 239 famílias do Avá-Guarani. Essas pessoas foram desalojadas e obrigadas a deixar para trás seu estilo de vida, suas terras, casas, vilas e distritos, sem ao menos ter a chance de poder retornar para uma visita, pois tudo estaria submerso em pouco tempo.

Juvêncio Mazzarollo (2003) nos traz importantes informações sobre as consequências ocasionadas pela construção da usina. Com a divulgação do início das obras, trabalhadores de diversas regiões do país vieram em busca de uma oportunidade, o que fez com que a cidade de

⁹ SOUZA, Edson Belo Clemente de. **POLÍTICAS TERRITORIAIS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL: o planejamento em foco nas margens do Lago de Itaipu - Costa Oeste do Paraná**/REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO, Curitiba, n.115, p.125-147, jul./dez. 2008 p. 126. Disponível em <<https://ipardes.emnuvens.com.br/revistaparanaense/article/view/6/6>> Acesso em: 07 de agosto de 2024.

Foz do Iguaçu quadruplicasse o número de habitantes em apenas cinco anos, passando de 35.000 para 140.000. Isso resultou no aumento do preço dos imóveis e aluguéis, gerando comunidades com obras irregulares, sem saneamento básico, com pobreza e marginalidade na periferia da cidade. Com a conclusão da obra, o estrago foi ainda pior, pois gerou um grande número de desempregados. “(...) a usina atraiu trabalhadores de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, e muitos acabaram formando família e adotando a cidade como lar permanente”. (ITAIPU, 2014).

A história oficial de Itaipu teve seu trabalho de enquadramento construído e legitimado desde o Tratado de Itaipu, por publicações próprias e em jornais, e ainda hoje é difundida por mídias institucionais. Segundo Michael Pollak (1989, p.8) “O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história”. Considerado como um dos mais importantes projetos do Brasil durante a ditadura militar (1964-1985), a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu repercutiu internacionalmente como sendo precursora do progresso na região oeste do Paraná. Porém, quase não se fala no enorme impacto ambiental, demográfico, social e humano que se desencadeou durante o processo de construção da usina.

Algumas vilas e distritos simplesmente desapareceram submersos pelas águas. Muitas dessas pessoas não tinham documentos de suas terras e não tinham direito a indenizações, eram posseiros, arrendatários e boias-frias. Pessoas que viviam do meio rural, tiveram que recomeçar em outros locais, muitas vezes em áreas urbanas sem ter uma profissão. Dentre as pessoas que tinham direito a indenizações, muitos não aceitaram, geralmente o valor ofertado não correspondia às infraestruturas de suas terras, gerando longas brigas judiciais. Como no site institucional da Itaipu¹⁰ que diz:

Nesses 60 anos antes da “chegada” da binacional, o que se via por aqui era muito diferente. Em vários sentidos: o mais óbvio, logicamente, o alagamento de mais de 1.000 km² de terras, em sua maioria fazendas e plantações. Os veteranos da Itaipu conhecem bem essa história, mas os recém-chegados à empresa e à cidade talvez nem tenham noção das mudanças rápidas e profundas que as águas trouxeram à região. (ITAIPU, 2014).

Podemos presumir que o êxodo rural foi muito forte na região, consequentemente essas famílias que viviam da agricultura tiveram dificuldades de adaptação e sobrevivência nos centros urbanos. “Os agricultores que ocupavam estas áreas precisaram migrar para o centro

¹⁰ **Itaipu Binacional/Institucional.** Disponível em < <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/40-anos-itaipu-transforma-foz-em-um-dos-maiores-municipios-do-parana> > Acesso em 05 de março de 2024.

urbano de Foz do Iguaçu e de outras cidades lindeiras, mas uma boa parte migrou para outros estados, como Mato Grosso e Rondônia” (ITAIPU, 2014).

Concluimos que dentre os projetos do governo para a construção de Itaipu, não houve lugar para se pensar previamente na urbanização, infraestrutura e no crescimento populacional que ocorreria na cidade de Foz do Iguaçu, com a implantação da usina. Também percebemos o descaso com o ecossistema como um todo e com as pessoas que habitavam a região. Só se planejou o lucro e benefícios trazidos pelos recursos das águas. Águas essas que submergiram trabalho, conquistas, aspirações, projetos e o local de pertencimento de um povo.

Mas, através do enquadramento de memória construído ao longo do tempo pela Itaipu, só se repercute o progresso, “silenciando” de alguma forma o outro lado da história, a história das pessoas e regiões atingidas pelo alagamento e pela construção da usina. Michael Pollak diz que a memória não é um fato social, mas o processo de criação desse fato social: “(...) não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989, p.2). Ao longo de toda trajetória da construção de Itaipu, o Estado utilizou de variadas estratégias para construir uma narrativa na qual a Itaipu se destaca como a principal protagonista e como a precursora do progresso. Além das mídias institucionais e do Informativo Unicon, que circulava dentro do canteiro de obras da usina, a história de Itaipu é contada aos seus visitantes, demonstrando a superação das dificuldades, o avanço e o progresso que a usina trouxe, beneficiando o Brasil e o Paraguai.

A história progressista também é demonstrada no Ecomuseu, criado pela Itaipu com o “objetivo” de preservar registros da biodiversidade e dos elementos arqueológicos encontrados na área alagada, no entanto a história local é apresentada como uma linha de progresso contínuo, demonstrando a presença indígena como um símbolo de retrocesso. Assim, a história institucional silencia as vozes daqueles que foram prejudicados e oprimidos por suas ações, desconsiderando as lutas, perdas e conquistas de indivíduos e grupos afetados.

A Usina Hidrelétrica de Itaipu recebe milhares de pessoas de diversos lugares do mundo anualmente. É exibida como uma das principais atrações turísticas da cidade. E é justamente a história de progresso e bem-aventurança que foi divulgada ao longo dos anos que construiu a representatividade da usina vinculada ainda hoje, como se não tivesse existido um passado “significativo” e “saudoso” para muitos, na região e nos locais afetados.

CAPÍTULO 2 - A COMUNIDADE DE VISTA ALEGRE

“Da Ponte Intemacional.
 Há uns dez minutos de viagem,
 Existia uma fazenda
 Cheia de gado e pastagem,
 Uma casa e um galpão
 E um campo sobre uma ‘vagem’,
 Um bosque e uma capela
 E, dentro dela, uma imagem.
 E lá na margem direita,
 Terra de agricultura,
 Abrangeu longa metragem
 De terra fértil e pura.
 Grande arvoredal
 De bom sabor e doçura,
 Uma propriedade batuta
 E lá também tinha uma gruta
 E uma imagem em miniatura”.

Laurentino Schwartz Haupt¹¹

2.1 - UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA REGIÃO AFETADA PELA CONSTRUÇÃO DE ITAIPU

De acordo com o *Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social* (IPARDES, 2008), a ocupação e o conseqüente desenvolvimento do oeste paranaense vem desde o domínio dos espanhóis e dos portugueses¹². Conforme o Tratado de Tordesilhas, assinado no século XV entre Portugal e Espanha, a área hoje conhecida como o "3º espaço" (oeste paranaense) situava-se, em grande parte, sob domínio espanhol. A região, cobiçada por exploradores como Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, tornou-se palco de conflitos entre portugueses, espanhóis e povos indígenas. Em 1629, a poderosa bandeira comandada por Raposo Tavares e Manuel Pedro destruiu a redução jesuítica espanhola de Guayrá. O Tratado de Madri, em 1750, transferiu o território para Portugal, intensificando os conflitos com os indígenas que resistiam à perda de suas terras. O ano de 1814 foi marcado por confrontos violentos contra os Caingangues, Xetás e Guaranis.

Em 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães, surgiram as primeiras propriedades rurais de subsistência. Já no governo Imperial, com o sistema de ocupação do

¹¹ Haupt, Laurentino Schwartz. *O Que Era Antes de Ser Itaipu*. Estrofes II e III. Informativo UNICON- 8 de julho de 1978. P. 5.

¹² Procuramos trazer dados sobre a ocupação e o desenvolvimento da região oeste do Paraná, que foi profundamente afetada pela formação do reservatório e a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Essas informações foram encontradas no relatório do IPARDES, *INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL. OS VÁRIOS PARANÁS. OESTE PARANAENSE: O 3º Espaço Relevante: especificidades e diversidades* (2008). Este material nos possibilitou compreender a origem e o estilo de vida das pessoas que migraram para essas terras, que foram desapropriadas e submersas pela Itaipu.

território, passou-se a fazer concessão de terras a companhias colonizadoras estrangeiras, além de dar início ao sistema de “obragero”¹³.

A partir da década de 1930 foi intensificado o incentivo para a ocupação territorial do interior brasileiro, com um movimento instaurado pelo governo do então presidente Getúlio Vargas (1882-1954), denominado “Marcha Para o Oeste”, que tinha como objetivo povoar o território brasileiro, além de incentivar a exploração da madeira e introduzir a exploração agrícola. Iniciativas do governo federal feitas desde 1940, como a criação do Território Federal do Iguaçu, em 1942, e também por parte do governo estadual, com a criação do Departamento Administrativo do Oeste, surgiram os primeiros incentivos institucionais para a ocupação e a exploração econômica da região oeste do Paraná. Mas foi a partir da década de 1950, com a inserção do sistema viário, que ocorreu um impulso na agricultura da região, que já contava com a boa qualidade do solo, além dos conhecimentos técnicos. (IPARDES, 2008, p.14-15).

A população que migrou para o Oeste entre 1950 e 1970 compartilhava características que lhes davam certa semelhança. Essa semelhança foi importante para a configuração da identidade cultural e econômica da região. Esses migrantes, trabalhadores e pequenos proprietários de terras, tinham origem rural, além do conhecimento sobre a agricultura voltada para o comércio, tornando-a a principal atividade da região. (IPARDES, 2008, p.15).

Cabe lembrar que a ocupação dessa região é anterior à chegada dos europeus, tendo sido ocupada por diferentes povos indígenas e, mais recentemente, pelo povo guarani. Que também foi impactado pelo alagamento da Itaipu, na região de Foz do Iguaçu. Segundo Mazzarollo, 2003, na margem esquerda do Rio Paraná, entre os rios Ocoí e Jacutinga, habitavam cerca de 25 famílias do grupo Avá-Guarani, conhecidos como Xirpá, e tiveram suas terras alagadas pela represa de Itaipu. Atualmente, cerca de 700 indígenas Guaranis, Caingangues e remanescentes Xetás vivem em áreas nos municípios de São Miguel do Iguaçu, Tupãssi e Guaíra (IPARDES, 2008, p.13).

¹³ Os obrageros eram capitalistas, particularmente argentinos, que exploravam grandes propriedades –as obrages – voltadas ao sistema de exploração da erva-mate e da madeira, existentes em território paraguaio, argentino e brasileiro. (FREITAG, 2001 apud IPARDES, 2008).

2.2 - A HISTÓRIA DA “VILA” VISTA ALEGRE

Vista Alegre era uma “vila” ou “comunidade” conforme uma das entrevistadas a Senhora Vilma¹⁴. Segundo ela, na época não se conceituava o local por vila e sim por comunidade. Comunidade essa, que foi submersa pelo lago de Itaipu, e raramente encontramos registros sobre a sua existência. O nosso objetivo neste trabalho é tentar por meios das entrevistas com antigos moradores da comunidade, emergir memórias e histórias desde a sua fundação, a desapropriação até o alagamento.

Para a população “desapropriada”, as águas do Rio Paraná, conhecido hoje como Lago de Itaipu, não só submergiu suas terras, mas também seus sonhos e projetos de vida. Percebemos ao longo das entrevistas o quão doloroso é para essas pessoas, não ter um local de referência, para poder ao menos visitar e matar as saudades dos “velhos tempos”.

Consideramos que a partir do momento da desapropriação, surge a tentativa de preservação de laços afetivos com o lugar, casas e pessoas (vizinhos, compadres, comadres, afiliados), mas sabemos que para época a comunicabilidade não era de fácil acesso, pela distância que muitos se obrigaram a viver, e ainda não existiam celulares, e-mails, e as linhas telefônicas eram raras. Então nos perguntamos: O que o “destino” reservou para essas pessoas? Onde elas estão? Quais memórias essas pessoas guardam de Vista Alegre? Onde estão os vestígios históricos de Vista Alegre?

Em busca dessas respostas, entrevistamos antigos moradores de Vista Alegre, e através desses relatos, abordamos a história da fundação da comunidade, bem como, vivências e memórias dos seus moradores. Buscamos esses dados através das fontes orais, já que, segundo Sônia Maria de Freitas, em seu livro *História oral: possibilidades e procedimentos*, (2006): “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2006, p. 18). O método possibilita a análise dos fatos sob a perspectiva dos protagonistas da história, utilizando seus depoimentos como fontes históricas.

A prática da História Oral abre espaço para diferentes perspectivas históricas ao conceder voz a diversos narradores. Essa abordagem contribui principalmente para democratizar a produção histórica, tornando-a responsabilidade das próprias comunidades. Isso

¹⁴ ANDRADE, Vilma Berlanda de. **Entrevista**. Curitiba, 20 de janeiro de 2024.

ocorre ao possibilitar a construção da história a partir dos relatos daqueles que viveram e testemunharam um determinado período, por meio de suas experiências e visões de mundo. A História Oral dá destaque à voz das pessoas comuns, os esquecidos ou subjugados pela história.

Para que fosse possível a realização desse trabalho, além da história oral buscamos compreender o conceito de memória. “... A história oral tem como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva. Esta última pode ser entendida como uma somatória de experiências individuais, passíveis de serem utilizadas como fontes históricas” (FREITAS, 2006, p. 51). Para Elizabeth Jelin (2012; 2017; 2020), a criação de memórias referentes ao passado transforma-se em um tema de pesquisa dentro da própria história, caracterizando o estudo histórico das memórias, que busca “historicizar as memórias”. *“Abordar la memoria involucra referirse a recuerdos y olvidos, narrativas y actos, silencios y gestos. Hay en juego saberes, pero también hay emociones. Y hay también huecos y fracturas”* (JELIN, 2020, p. 419). Pois o tema é abordado em diferentes camadas, que ultrapassam a simples transmissão de dados concretos, visto que envolvem indivíduos que irão construir suas próprias histórias, e cada história e cada pessoa são sempre distintas, representando uma voz singular e social que compartilha vivências coletivas (JELIN, 2017, p. 223).

Entrevistamos seis antigos moradores da comunidade, e através deles, foram protagonistas da história de Vista Alegre, procuramos *“dar voz a quien no tiene voz”* (JELIN, 2017, p. 221). Para Maurice Halbwachs em seu livro *A memória coletiva* (2006), a memória individual não está completamente isolada e limitada. Ao recordar seu próprio passado, normalmente é necessário contar com as lembranças de outras pessoas e se apoiar em pontos de referência externos, estabelecidos pela comunidade. Sendo assim, as lembranças contribuem para a formação da memória histórica e possibilitam uma análise das representações, crenças e tradições de uma comunidade ou de um povo.

As fotografias cedidas pelas entrevistadas foram analisadas a partir da perspectiva discutida por Peter Burke, em seu livro *Testemunha Ocular: História e Imagem* (2004). De acordo com Burke, a fotografia é um vestígio do passado que nos ajuda a compreender e conhecer certos elementos de uma determinada época, pois “as imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunha ocular.” (BURKE, 2004, p.17). Sendo assim podemos considerar a fotografia como fonte histórica, uma vez que está inserida na construção social, política, cultural e econômica dos indivíduos.

A comunidade de Vista Alegre era uma comunidade rural, que ficava situada no extremo oeste paranaense, na região da cidade de Foz do Iguaçu. A comunidade era cortada pela estrada que levava a Guaíra, para as Sete Quedas e foi “fundada” em 1960 com a chegada dos primeiros “proprietários” de terras¹⁵, que vieram em busca de um futuro melhor.

Segundo relato das entrevistadas, após a aquisição de uma grande gleba na “Barra do Guavirova”¹⁶ no dia 12 de setembro de 1960, o Senhor Alzino Matos de Andrade mudou-se para a região com sua esposa e filhos. De acordo com a senhora Vilma¹⁷, ela e seu esposo Alzino foram os primeiros colonos a residirem no local. Na sequência, chegaram dois vizinhos de sobrenome Maganin. O senhor Alzino foi cedendo parte de suas terras para familiares, como os sogros, cunhados e cunhadas, além de um espaço para a construção de uma igreja, uma escola, um cemitério e um campo de futebol. Formou-se ali uma comunidade que chegou a ter por volta de quarenta a cinquenta famílias (Matos de Andrade, Berlanda, Maganin, Pavan, Zanatta, Cerioli, Ribeiro, Mattje, Zuco, Becker, Reali, Kampmann, Chaique, entre outras), vindas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Norte do Paraná. Porém, naquele território havia moradores mais antigos, como famílias de guaranis, bugres¹⁸ e paraguaias, que residiam na região morando em taperas¹⁹ mata adentro e na barranca do Rio Paraná.

Com o passar do tempo tiveram a necessidade de dar um nome ao local, pois já havia comércio de secos e molhados na comunidade e a falta de um endereço formal dificultava as entregas dos distribuidores. Foi assim que nomearam o local como Vista Alegre. A comunidade estava situada na Microrregião Extremo-Oeste do Paraná, que “apresenta um relevo homogêneo e uma elevada fertilidade do solo, sendo considerada possuidora das terras mais férteis do Brasil” (GERMANI, 2003, p. 23), pois tudo o que se plantava, produzia. A comunidade tinha fartura de alimentos e animais, produzidos e criados nas suas terras. Praticamente toda a alimentação e também a renda familiar vinha da terra e da pesca.

¹⁵ Fiquei em dúvida com relação a aquisição das terras, alguns dos entrevistados disseram que o senhor Alzino ganhou a posse do INCRA, já sua esposa falou que ele comprou. Porém alguns dos documentos têm data posterior à ocupação das terras.

¹⁶ Tomei conhecimento do antigo nome do local, através de documentos cedidos pela esposa do senhor Alzino, pois todos os entrevistados não sabiam dizer outro nome para a comunidade a não ser Vista Alegre. Acredito que não tinham conhecimento do antigo nome.

¹⁷ ANDRADE, Vilma Berlanda de. **Entrevista citada.**

¹⁸ A palavra bugre aqui se explica pela interpretação da entrevistada senhora Ida “nessa região vivia muitos bugres né, que são descendentes de índios com os paraguaios, é motivados pela guerra do Paraguai”.

¹⁹ Chamavam de taperas casas feitas e cobertas com varas e capim.

Conforme o relato da senhora Elisabete²⁰:

A terra era fértil, muito fértil a gente tinha fartura de tudo, muita fruta, tudo que plantava colhia, verdura, os alimentos eram todos colhidos da terra a gente não tinha que comprar quase nada, além do açúcar o sal, porque tinha tudo desde a vassoura a gente fazia com que colhíamos né, fazíamos açúcar de cana, melado, queijo, nata, manteiga, tudo era da terra, era dali nosso da região, então tinha muita fartura, não faltava nada. (ELISABETE BERLANDA VIANA, 2023)

A comunidade percebeu a necessidade de ter uma escola para alfabetização, pois na região, além dos adultos, havia muitas crianças, de todas as idades, e todos eram completamente analfabetos. Sendo assim, o senhor Alzino cedeu um terreno para a construção da escola, e sua cunhada, a senhora Jurema Berlanda Mattje, que tinha formação para professora, buscou junto a Secretaria Municipal de Educação de Foz do Iguaçu a licença para o funcionamento da escola que a princípio chamaram Escola Guavirova.

A escola era em madeira e funcionava com classe multisseriada, ou seja, havia uma única sala para todos os alunos. Estudavam os alunos do primeiro, segundo, terceiro e quarto ano das séries iniciais todos juntos. As dificuldades eram muitas, desde o escasso material escolar que se resumia em um caderno, lápis e borracha. Além do aperto em sala de aula, e a mistura de idiomas guarani, espanhol, português. Conforme o relato da senhora Elisabete:

...a sala de aula era uma sala só, e tinha mais de cem alunos nessa sala de aula era as carteira tudo amontoadas, tudo uma em cima, perto uma da outra, a gente não tinha quase material escolar, era um caderninho, um lápis, uma borracha, e nessa sala estudava primeiro ano segundo, terceiro e quarto ano tudo misturado e assim foi indo até muitos anos depois, aí tinha muita dificuldade porque tinha mistura de idiomas né, era guarani, era espanhol, era uma outra língua que eles falavam que a gente não entendia nada mesmo e nós né, os que falavam português, então era muita mistura e pra ela lecionar assim era difícil mesmo, só que ela conseguiu. Alfabetizou muita gente lá, nessa escola. (ELISABETE BERLANDA VIANA, 2023)

A procura pela escola foi aumentando, vinham alunos de regiões próximas como Sanga Funda, Bela Vista e da barranca do Rio Paraná. Foi então que sentiram a necessidade de aumentar a escola e a partir daí mudaram o seu nome para Escola Rui Barbosa. A foto abaixo (FIGURA: 2) é uma das poucas lembranças físicas da “escola”, ela retrata uma lembrança escolar da filha da dona Vilma, Jacy, no ano de 1972. Nessa época a escola já se chamava Escola Rui Barbosa.

²⁰ VIANA, Elisabete Berlanda. **Entrevista**. Foz do Iguaçu, 03 de setembro de 2023.

Figura 2: Recordação escolar da Escola Rui Barbosa, em Vista Alegre.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Vilma Berlanda de Andrade²¹/ Foto: 1972

2.3 - A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO PARA COMUNIDADE

Para Jacqueline Hermann, em seu artigo *História das religiões e religiosidades* (1997), a religião era vista como algo prático e principalmente social, pois tinha o papel de reorganizar a vida em comunidade por meio de cerimônias que recriavam o tempo “mítico das origens”, sendo também uma maneira dos homens se estruturarem socialmente.

A comunidade de Vista Alegre era formada em sua maioria por famílias de origem italiana, que traziam muito forte a vivência da religião na família e na comunidade. A religião que predominava na comunidade era a Católica Apostólica Romana, sendo também o único templo religioso existente no local e que por muito tempo não teve um nome específico. Apenas, após um casal de moradores da região, dona Ludovina Zanatta e o senhor Silvino Zanatta, terem feito uma promessa pela restauração da saúde da senhora Ludovina e de ir ao Rio Grande do Sul buscar uma imagem de Nossa Senhora da Saúde para doar à igreja, ela passou a se chamar Igreja Nossa Senhora da Saúde.

²¹ ANDRADE, Vilma Berlanda de. **Entrevista citada.**

Quando a imagem chegou à comunidade, fizeram uma procissão para levá-la da casa do casal Zanatta até o barracão que servia de Igreja e lá fizeram a inauguração da Igreja Nossa Senhora da Saúde, seguida por uma grande festa.

...dia vinte e três de agosto, fizemos uma procissão da casa dele (Silvino Zanatta) até o pavilhão, eles carregavam Nossa Senhora e eu mais quatro meninas da mesma idade que eu, mais três né, da mesma idade que eu, nós éramos em quatro a gente segurava a, ajudamos a carregar Nossa Senhora, e foi linda a inauguração eu tenho algumas fotos até do dia dessa festa que teve lá. (ELISABETE BERLANDA VIANA, 2023)

A fotografia abaixo (FIGURA: 3), nos mostra o altar da Igreja, durante uma missa celebrada pelo então Bispo Dom Olívio Aurélio Fazza (1925-2008), que estava entre dois sacerdotes, em novembro de 1979. Logo atrás dos sacerdotes está a imagem de Nossa Senhora da Saúde. Pela fotografia podemos perceber a simplicidade da Igreja, que era um barracão em madeira usado para as celebrações e comemorações.

Figura 3: Missa na Igreja Nossa Senhora da Saúde na comunidade de Vista Alegre.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisabete Berlanda Viana²² /Foto: Novembro de 1979

As missas na comunidade eram celebradas uma vez por mês. Nos domingos, que não havia padre para celebrar a missa, eram feitos cultos, além da reza do terço nas residências²³. A maioria dos eventos da comunidade giravam em torno da religião ou da Igreja, casamentos, batizados, catequese, primeira comunhão, crisma e festas comemorativas. Todos se reuniam,

²² VIANA, Elisabete Berlanda. **Entrevista citada.**

²³ MATTJE, Jurema Berlanda. **Entrevista.** Foz do Iguaçu, 31 de julho de 2023.

cada um fazendo alguma tarefa para que o evento se concretizasse²⁴. Assim, vizinhos se tornavam cada vez mais próximos, tendo casamentos entre as famílias, e um batizando o filho do outro²⁵. As imagens (FIGURAS: 4, 5) abaixo mostram uma festa de casamento realizada em 1973 e um batizado celebrado em 1975 ambos na Igreja Nossa Senhora da Saúde.

Figura 4: Festa de casamento na Igreja Nossa Senhora da Saúde em Vista Alegre.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisabete Berlanda Viana/Foto: 05 janeiro de 1973

²⁴ LIRA, Ida Angela Mattje. **Entrevista.** Foz do Iguaçu, 12 de agosto de 2023.

²⁵ ANDRADE, Vilma Berlanda de. **Entrevista citada.**

Figura 5: Batizado na Igreja Nossa Senhora da Saúde em Vista Alegre.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisabete Berlanda Viana/ Foto: 1975

A fotografia abaixo (FIGURA: 6) foi tirada na Vista Alegre logo após a cerimônia de crisma, realizada pelo Bispo Dom Armando Círio (1960-1978), da Diocese de Toledo, que atendia toda a região de Toledo à Foz do Iguaçu até o ano de 1978²⁶.

Figura 6: Crisma na comunidade de Vista Alegre.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisabete Berlanda Viana

²⁶ Disponível em: <<https://www.diocesetoledo.org/diocese/historico/96>> Acesso em: 26 de agosto de 2024.

Após a desapropriação de Vista Alegre, a imagem de Nossa Senhora da Saúde e o barracão da Igreja foram levados pelo senhor Adolpho Marcos Berlanda e sua esposa Angela Fachin Berlanda para uma localidade que estava em formação na cidade de Foz do Iguaçu, o bairro Portal da Foz. Junto com a comunidade local, o casal fundou a nova Igreja Nossa Senhora da Saúde, que ainda hoje guarda a imagem da santa.

Na fotografia (FIGURA: 7) abaixo, observa-se a Igreja Nossa Senhora da Saúde, que hoje é uma paróquia do bairro Portal da Foz, e a estátua da Santa que pertenceu à Igreja de Vista Alegre.

Figura 7: Igreja e imagem de Nossa Senhora da Saúde na atualidade.



Fonte: Instagram²⁷ / Foto: 01/01/2023

²⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/parouquia_saude/> Acesso em: setembro de 2024.



Fonte: Instagram / Foto: 10/08/2024

Foi comum entre praticamente todos os entrevistados a lembrança dos momentos de lazer, das festas da Igreja, os casamentos, batizados, campeonatos de futebol feminino e masculino, as sessões de cinema improvisados na escola com um projetor de rolo e o “famoso” temporal.

As festas da Igreja, como casamentos, primeira comunhão, crisma e batizados, tornaram-se acontecimentos grandiosos na comunidade, onde todos se uniam, participavam e se empenhavam para sua realização. Para Jelin (2020) a memória social é reforçada pelo pertencimento social de um grupo, onde estruturas de classes sociais, familiares e religiosas dão significado às recordações do indivíduo.

(...) la memoria colectiva solo consiste en el conjunto de huellas dejadas por los acontecimientos que han afectado al curso de la historia de los grupos implicados que tienen la capacidad de poner en escena esos recuerdos comunes con motivo de las fiestas, los ritos y las celebraciones públicas (Ricoeur, 1999, p. 19 apud JELIN, 2020, p. 424).

A comunidade de Vista Alegre tinha dois times de futebol, um feminino, que não durou muito tempo; e um masculino, o Cruzeiro Esporte Clube (FIGURA 9), que permaneceu até o alagamento, participando de torneios pela região, inclusive em Hernandarias, no Paraguai. Comumente, nos dias de torneio, famílias inteiras atravessavam o rio à canoa para participar e assistir aos jogos e torcer pelo time da comunidade em Hernandarias. O Rio Paraná ficava entre Vista Alegre e Hernandarias, ou seja, ficavam praticamente uma de frente a outra.

[...] A gente atravessava o rio, pegava uma canoa, um canoeiro, nos jovens, assim tipo dez, quinze jovens, pegávamos duas canoa e atravessávamos o Rio Paraná pra ir na

Hernandaria que era do outro lado né, era Hernandaria lá em cima pra assistir futebol na Hernandaria que era um divertimento que a gente tinha era assistir ao jogo de futebol nos domingo, não tinha muita coisa pra fazer né, a gente pegava atravessava o rio de canoa, corríamos risco que não tinha nem colete salva vidas na época nada, a gente embarcava em quinze dentro de uma canoa e o pescador o canoeiro que fosse atravessava a gente e na volta a mesma rotina ele trazia de volta, no Paraguai, na Hernandaria Paraguai a gente ia pra lá pra assistir ao jogo de futebol nos domingo. (ELISABETE BERLANDA VIANA, 2023)²⁸

Como nos mostra a fotografia abaixo (FIGURA 8) cedida pela senhora Ida, onde moradores de Vista Alegre estão fazendo a travessia do Rio Paraná a canoa, de Vista Alegre para Hernandarias, Paraguai.

Figura 8: Travessia no Rio Paraná de Vista Alegre para Hernandarias, Paraguai.



Fonte: Acervo pessoal da Senhora Ida Angela Mattje Lira²⁹

Os torneios de futebol, sem dúvidas, eram os principais divertimentos da comunidade, que não media esforços para acompanhar seu time onde quer que ele fosse. Quando os jogos eram locais, geralmente iam de carroça ou na carroceria do caminhão de um dos moradores. Conforme as entrevistadas, as senhoras Ida e Elisabete:

[...] final de semana a nossa diversão, nosso costume mesmo da família de manhã levantava todo mundo ia pra Igreja, e quando tinha, vinha o padre de outro distrito e celebrava a missa ou então era celebrado o culto, e depois do almoço assisti futebol do time local, não tinha muito lazer, muita coisa diferente pra fazer. [...] depois do culto dos domingo se reuni com as amigas né combinar onde que a gente ia passar a tarde, se a gente ia assistir futebol, normalmente um dos tios cedia o caminhão e ia todo mundo na carroceria do caminhão, nas vilas torcer pro nosso time, e era uma

²⁸ VIANA, Elisabete Berlanda. **Entrevista citada.**

²⁹ LIRA, Ida Angela Mattje. **Entrevista.** Foz do Iguaçu, 12 de agosto de 2023.

época sem maldade, era tudo tão, tão gostoso, era diferente, era famílias inteira, a gente que ia atrás das trava dos campo lá por que era a única diversão que a gente tinha. (IDA ANGELA MATTJE LIRA, 2023)³⁰

[...] eu gostava dos domingos da Vista Alegre, No domingo a gente não via a hora que chegasse o domingo para reunir as amigas os amigos, pra gente ir nas festa no futebol, fazer torcida pros times de futebol era nosso divertimento dos domingos, e dá saudades né apesar que já passou tanto tempo e a gente já passou da, dessa fase né, mais isso aí é um lembrança que a gente tem que não, nunca vai esquecer, que vai levar pra sempre. (ELISABETE BERLANDA VIANA, 2023)³¹

As imagens abaixo (FIGURA: 9) retratam o time de futebol de Vista Alegre, o Cruzeiro Esporte Clube. Podemos perceber pelas imagens o quão organizado era o time, sempre uniformizado. Na última imagem vemos ao fundo os moradores assistindo ao jogo.

Figura 9: Time de futebol da Vista Alegre - Cruzeiro Esporte Clube.



Fonte: Acervo pessoal senhora Maria de Lourdes Zanatta Berlanda³²

³⁰ LIRA, Ida Angela Mattje. **Entrevista citada.**

³¹ VIANA, Elisabete Berlanda. **Entrevista citada.**

³² BERLANDA, Maria de Lourdes Zanatta. **Entrevista.** Foz do Iguaçu, 17 de agosto de 2023.



Fonte: Acervo pessoal senhora Maria de Lourdes Zanatta Berlanda/ Foto de Março de 1972.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisabete Berlanda Viana³³ / Foto: março 1972

³³ VIANA, Elisabete Berlanda. **Entrevista citada.**



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisabete Berlanda Viana

Na época os aparelhos de televisão eram raros, ainda mais nesta região interiorana. O dono do armazém de secos e molhados, Adolpho Marcos Berlanda, comprou um projetor de rolo e passou a fazer sessões de “cinema” na região e também na Comunidade de Vista Alegre. Projetava os filmes na escola que ficava de fácil acesso a todos da comunidade.

[...] o meu avô comprou uma máquina pra passar filme, e ele passava os filmes nas vilas, nas próximas à Vista Alegre e daí era mais uma diversão, e quando ele passava o filme na Vista Alegre era na escola, e era tão gostoso porque era uma coisa diferente a gente não conhecia, não tinha tanta informação como tem hoje em dia. (IDA ANGELA MATTJE LIRA, 2023)³⁴

Temporal, vendaval, tornado, tormenta e furacão, esses foram os nomes usados para relatar uma das piores lembranças que todos tiveram do dia vinte de maio de mil novecentos e setenta e dois. O “temporal” começou no Rio Paraná e foi levando tudo o que tinha pela frente numa faixa de duzentos metros de largura até Santa Terezinha. Nessa faixa estava a Escola Rui Barbosa que foi levada, a comunidade estava terminando a construção da Igreja, que ficou só no alicerce, casas, mato, até as lápides do cemitério foram levadas. Conforme uma das entrevistadas: Sr.^a Elisabete³⁵: “tudo o que tinha por cima da terra” dentro dessa faixa foi levado pelos ventos. Além das casas ao redor que ficaram completamente destelhadas e os pomares destruídos, também houve feridos e mortos na região. Para o espanto de todos, o barracão da antiga Igreja, onde se encontrava o altar com a Santa, ficou intacto.

³⁴ LIRA, Ida Angela Mattje. **Entrevista citada.**

³⁵ VIANA, Elisabete Berlanda. **Entrevista citada.**

Em conclusão, neste capítulo, exploramos a história da formação da Vila de Vista Alegre, uma comunidade rural marcada por fortes laços comunitários e por uma relação direta com a terra. A vila, fundada nos anos 1960, rapidamente se tornou um ponto de referência para as famílias que se estabeleceram, construindo um modo de vida baseado na agricultura, na pesca e no convívio social. As tradições e as festividades locais, como as celebrações religiosas e as festas comunitárias, os campeonatos de futebol, desempenhavam um papel essencial na vida dos moradores, reforçando o sentimento de pertencimento. As narrativas dos antigos moradores destacaram a importância da convivência e da colaboração entre as famílias, elementos fundamentais para o desenvolvimento e manutenção da rotina na vila.

A história de Vista Alegre é marcada por uma comunidade unida, onde as relações sociais e o trabalho eram os pilares da vida cotidiana. A formação da vila não trouxe apenas desenvolvimento econômico e social, mas também criou um espaço de pertencimento e identidade para os moradores. As memórias compartilhadas neste capítulo refletem a importância da vida comunitária e da preservação das tradições locais, mostrando como Vista Alegre era muito mais do que um simples aglomerado de casas, era um lugar onde a cooperação e os laços afetivos definiam a essência da vida em comunidade.

CAPÍTULO 3 - MEMÓRIAS DA DESAPROPRIAÇÃO E DO ALAGAMENTO: A PERDA DE VISTA ALEGRE

“Quem conheceu Pomba-quê,
 Ver hoje se desespera
 Mesmo jamais lhe conhece,
 Já não é mais como era.
 E o lindo rio Bela Vista
 Passando pelas tiguera
 E o bebedouro do gado
 No passarinho da Pantera,
 Natural artificial,
 O que era leito desfizera.
 Hoje o Canteiro de Obras,
 O grande nome que lidera.
 O povo que ali morava,
 Não diz que e nem disseram,
 Todos dali saíram.
 E os ranchos ficou tapera.
 E os heróicos tratores,
 Roncando com uma fera.
 Devastaram os vegetais
 E tudo ficou por terra.
 Quem conheceu estas terras,
 Cobertas de vegetais,
 Se revela novamente,
 Já não conhece mais.
 Foram todas destruídas,
 Rochas, morros naturais.
 Os baixos foi levantados
 Com transporte artificiais,
 Num trabalho em conjunto
 Do Brasil e Paraguai”.

Laurentino Schwartz Haupt³⁶

Vista Alegre era uma comunidade em pleno desenvolvimento. De acordo com o relato da Senhora Elisabete, os moradores de Vista Alegre estavam alegres com a chegada da energia elétrica, já que no ano de 1975, técnicos passaram fazendo cadastro e dizendo que logo a luz elétrica seria instalada. Nos dias seguintes já veio a notícia da desapropriação para a instalação de uma hidrelétrica no Rio Paraná, foi um choque e uma revolta para todos.

Uma equipe que se dizia mandada pelo governo passou a fazer levantamentos na região e recolher assinaturas dos proprietários de terras para a desapropriação e alagamento do local, prometendo que seriam pagos valores justos pelas terras e que se não assinassem podiam perder tudo, pois era o governo quem mandava³⁷. Muitos assinaram por medo das ameaças, de perder tudo o que tinham, outros se recusaram a assinar o documento e permaneceram no local até o

³⁶ Haupt, Laurentino Schwartz. *O Que Era Antes de Ser Itaipu*. Estrofes XI, XII e XIII. Informativo UNICON-8 de julho de 1978. P. 5.

³⁷ VIANA, Elisabete Berlanda. **Entrevista citada.**

último momento. Alguns até mesmo entraram na justiça pedindo um valor maior de indenização. Aqueles que ainda não tinham documentação de suas terras buscaram regularizar junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), para poder receber a indenização.

Segundo Mazzarollo (2003), a população afetada não foi consultada sobre a construção da usina, tudo foi decidido e imposto unilateralmente, como de praxe no regime militar. Além do descaso com o problema social, que vem desde o primeiro orçamento para construção da usina, onde não constava gastos com desapropriação e indenizações. As famílias foram obrigadas a deixar as suas terras. As pessoas que tinham documentação da propriedade, foram indenizadas, “entre estes houve os que conseguiram fazer bons negócios e os que se arruinaram” (MAZZAROLLO, 2003, p.40). Os posseiros só recebiam pelas benfeitorias feitas nas terras, os empregados e bóias-frias eram largados ao próprio destino, sem ganhar nada.

À medida que os moradores iam assinando o acordo com o governo e recebendo as indenizações, as famílias foram saindo da comunidade de Vista Alegre em busca de recomeçar em novos lugares. Levaram consigo tudo o que puderam, inclusive suas casas, que em sua maioria eram em madeira. As indenizações não foram satisfatórias. “Para as autoridades da Itaipu, o preço pago sempre foi justo, enquanto para os desapropriados, não foi” (MAZZAROLLO, 2003 p. 47). Aqueles que eram proprietários de um pequeno pedaço de terra dificilmente conseguiriam comprar um terreno na cidade. Mesmo os que não fizeram acordo no primeiro momento, e que teimaram em ficar nas suas propriedades, alguns permaneceram por anos após o início das indenizações e receberam a mesma coisa. Vista Alegre foi ficando triste, um “deserto”, sem casas, com mato crescendo, conforme foram saindo as famílias.

As pessoas não foram só obrigadas a deixar suas propriedades, elas também foram obrigadas a romper laços culturais, sociais e afetivos construídos durante anos de convivência em comunidade, valores difíceis de serem avaliados, que podem marcar negativamente a vida para sempre. “A terra, a casa, o estabelecimento, a propriedade organizada para a produção têm um preço relativamente fácil de ser estipulado. Mas como dar o preço a valores culturais, sociais e afetivos construídos por pessoas, famílias e comunidades durante décadas? Impossível!”. (MAZZAROLLO, 2003, p. 41)

De acordo com Mazzarollo (2003), enquanto os últimos habitantes da região do reservatório da hidrelétrica se despediam das terras, que não teriam mais a chance de rever, as

autoridades da Itaipu começavam o processo de fechamento das comportas. Isso colocaria um ponto final em qualquer incerteza sobre a extensão que o lago alcançaria com suas águas.

Ainda em junho de 1982, Itaipu começou a informar a população sobre os preparativos para a inundação:

Atenção, senhores desapropriados que ainda moram na área do reservatório. No final deste ano, as águas do rio Paraná vão começar a subir para formar o lago de Itaipu. Em duas semanas, uma vasta região será completamente coberta pelas águas (...) Há pessoas que não sabem, ou não querem acreditar, que em breve tudo isso ficará debaixo da água (MAZZAROLLO, 2003, p. 178).

Em outubro de 1982, as obras da barragem finalizaram e foram fechadas as comportas do canal do desvio para a formação do reservatório, o famoso Lago de Itaipu. As águas do rio Paraná levaram 14 dias para encher o reservatório, por causa das fortes chuvas e consequentes enchentes da época. Isso afetou a vida de milhares de pessoas que moravam na beira do Rio Paraná, entre Foz do Iguaçu e Guaíra, foram submersos cerca de 170 quilômetros. Ao longo dessa faixa, só na margem brasileira, 8.519 propriedades urbanas e rurais foram desapropriadas, indenizadas e alagadas. “Os moradores de Foz veem o rio esvaziar a jusante da barragem, por causa do fechamento das comportas, enquanto Guaíra lamenta o alagamento das Sete Quedas, habitam as margens” (ITAIPU)³⁸. Não foi só Sete Quedas que ficou submersa, quantas comunidades também ficaram dentro desses 170 quilômetros e hoje não se tem registros, nem ouvimos mais seus nomes, entre elas Vista Alegre, Bela Vista, Sanga Funda, Alvorada do Iguaçu, entre outras.

Na fotografia (FIGURA: 10) abaixo retirada do site institucional de Itaipu, percebemos o avanço das águas durante o alagamento. Em sua legenda diz: “A água sobe rapidamente, trazendo mudanças e progresso”. (ITAIPU, 2014)³⁹

³⁸ **Itaipu Binacional/Nossa História.** Disponível em <<https://www.itaipu.gov.br/nossa-historia>> Acesso em 27 de junho de 2024.

³⁹ Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/40-anos-itaipu-transforma-foz-em-um-dos-maiores-municipios-do-parana>> Acesso em: setembro de 2024.

Figura 10: Alagamento do reservatório de Itaipu.



Fonte: itaipu.gov.br.⁴⁰ Foto: Valdenor Franzen, 2014

Vista Alegre ficava só a mais ou menos 5 quilômetros da barragem, e após o fechamento do desvio não demorou muito para ser submersa. Muitos dos antigos moradores da comunidade foram até próximo ao local para ver as águas subirem. Como no caso de duas entrevistadas as senhoras Ida e Elisabete, e seus familiares:

(...) eu na época já era casada mais a gente foi lá, e foi muito triste ver a, a gente, eu não pude chegar muito perto da onde a gente morava né, da Vista Alegre em si, por que quando foi fechada as comportas, rapidinho né, porque a Vista Alegre fica o que a uns cinco quilômetros da barragem de Itaipu, então ela encheu muito rápido, mais ali na região do Alto da Boa Vista dava pra gente vê, acho que um ou dois dias depois tava tudo alagado já. (Ida Angela Mattje Lira, 2023)⁴¹

Eu fui ver quando estava enchendo. Quando começou a encher a gente ia assistir muito triste né, vê o lugar que a gente morou, que a gente passou a infância, a juventude sendo submerso né, não dá nem pra explicar a sensação que dá né, que deu pra gente vê tudo aquilo. (Elisabete Berlanda Viana, 2023)⁴²

As imagens (FIGURA: 11) abaixo foram fornecidas pela senhora Elisabete, que foi com seu marido, filhos, sobrinho e seus pais, para que seus pais pudessem se despedir de suas terras enquanto as águas subiam. Segundo Peter Burke “(...) o testemunho de imagens é essencial para

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/40-anos-itaipu-transforma-foz-em-um-dos-maiores-municipios-do-parana>> Acesso em: setembro de 2024.

⁴¹ LIRA, Ida Angela Mattje. **Entrevista citada.**

⁴² VIANA, Elisabete Berlanda. **Entrevista citada.**

historiadores (...) imagens podem testemunhar o que não pode ser colocado em palavras”. (BURKE, 2004, p. 37-38)

Figura 11: Alagamento da Vista Alegre.



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisabete Berlanda Viana / Foto: 1982



Fonte: Acervo pessoal da senhora Elisabete Berlanda Viana / Foto: 1982

A desapropriação foi um divisor de águas na vida das pessoas. Quando foi perguntado a uma das entrevistadas, se ela achava que a indenização foi justa, o silêncio se fez presente antes da sofrida resposta: “Que pergunta difícil, meu Deus! ... não, não foi justa, porque o que

a gente ganhou lá da terra, a gente não conseguiu comprar aqui” (Berlanda, 2023)⁴³. Conforme Jelin: *“Si se trató de un acontecimiento traumático, más que recuerdos lo que se .puede vivir es un hueco, un vacío, un silencio, o las huellas de ese trauma manifiestas en conductas o aun patologías actuales (y, las menos de las veces, un simple “olvido”)*”. (JELIN, 2020, p. 434)

A comunidade de Vista Alegre era rural, vivia do que produzia, tanto para o sustento como para o comércio. Tinham uma vida estável, suas casas, pomar, criação de animais e plantações, além da pesca que era abundante na região, pois eram cercados pelos Rios Paraná e Guavirova. Saíram da Vista Alegre com uma indenização “justa” pelo olhar do governo, mas que, para a maioria não foi o suficiente para comprar novas terras e continuar vivendo do que sabiam fazer. “Não havia preocupação alguma da Itaipu, com o reassentamento dos desapropriados” (MAZZAROLLO, 2003, p. 53).

[...] a gente começou trabalhar de empregados ... sim nós precisamos sair de lá onde a gente tinha a terra da gente pra plantar, pra colher e viver disso. Daí precisamos sair de lá, fomos morar numa, fomos morar numa outra comunidade totalmente diferente do que a gente estava acostumado, precisamos arrumar um emprego. (MARIA DE LOURDES ZANATTA BERLANDA, 2023)⁴⁴

Muitos tiveram que se acomodar e se adaptar em áreas urbanas, recomeçar de uma maneira completamente diferente, mudar de profissão sem qualquer preparo, pois não tiveram auxílio dos governantes nem tempo para se prepararem para uma nova vida e uma nova profissão. Como observa Pollak (1989), as memórias de grupos marginalizados frequentemente resistem às tentativas de apagamento e servem como 'memórias subterrâneas' que desafiam as narrativas dominantes. No caso de Vista Alegre, as lembranças dos moradores não apenas preservam uma história local apagada, mas também funcionam como uma forma de resistência à narrativa de progresso propagada pela Usina de Itaipu.

Quão lastimável deve ser não ter um local de origem que se possa visitar, mostrar aos filhos, rememorar o passado, um lugar de tantas histórias que fazem parte da sua existência.

Ai, muito triste! Eu gostaria que um dia, meus filhos tivessem tido o prazer de conhecer o lugar, porque era muito lindo, a gente era muito feliz, tinha muita dificuldade, mas era uma vida totalmente diferente, nossa, dá até vontade de chorar de lembrar da Vista Alegre [...] Ai, muito triste, meu Deus! Pensa que um lugar tão bonito nunca mais vai voltar a existir. (IDA ANGELA MATTJE LIRA, 2023)⁴⁵

⁴³ BERLANDA, Maria de Lourdes Zanatta. **Entrevista citada.**

⁴⁴ BERLANDA, Maria de Lourdes Zanatta. **Entrevista citada.**

⁴⁵ LIRA, Ida Angela Mattje. **Entrevista citada.**

Uma das palavras mais citadas nas entrevistas foi “saudades”. Isso resume bem o sentimento dessas pessoas, que praticamente só tem as próprias lembranças como recordação. Nos anos de 1960 e 1970 eram raras as fotografias, só em datas festivas, como casamentos e batizados se fotografavam.

Ah, às vezes a gente fica triste, sempre eu falo pros meus filhos: vocês não tem mais terra natal, vocês tem água natal, porque virou tudo água né, o lago, os meus filho todos, quase todos nasceram lá, então essas lembranças a gente tem do local que era uma terra boa e tal e de repente agora é só água né. (IRACEMA BERLANDA DE ANDRADE, 2023)⁴⁶

Conforme Mazzarollo (2003), homens e animais comumente se afeiçoam ao lugar onde nasceram, ou ao local em que moraram por longo tempo. As influências do ambiente físico, social e cultural deixam marcas profundas nos indivíduos e nos grupos, criando uma rede de condicionamentos difíceis de serem quebrados sem causar danos. Quanto mais diferente e distante for o novo ambiente, mais dolorosa se torna a adaptação. Quando é possível retornar ao ambiente que foi deixado para trás, há um certo consolo. Porém, quando esse ambiente é submerso pela água, como acontece com as terras inundadas por projetos como a Itaipu, a tristeza é imensa e pode levar a problemas como a depressão e até mesmo à morte, especialmente entre os mais velhos. Halbwachs (2006) argumenta que a memória coletiva está ligada ao ambiente físico e social em que o indivíduo vive. O alagamento de Vista Alegre não apenas destruiu casas e terras, mas também fragmentou as memórias coletivas da comunidade, tornando ainda mais difícil para os moradores manterem suas identidades culturais.

Para Ecléa Bosi (1987), um indivíduo tem uma ligação profunda e genuína com a comunidade, onde são preservadas lembranças do passado e vislumbres do futuro. O desenraizamento, causado pelo domínio do dinheiro sobre os laços sociais, é prejudicial à memória e à identidade. Ter um passado é um direito do indivíduo enraizado, mas a extrema mobilidade das famílias mais pobres impede a preservação das tradições familiares e individuais. A opressão econômica se manifesta de forma cruel ao espoliar as memórias dos sujeitos.

É extremamente doloroso perceber que não se terá a oportunidade de visitar a antiga casa, a rua, o ponto de encontro comunitário que incluía a igreja, a escola, o campo de futebol, a área verde, o local para festas e churrascos. Pode ser que uma fotografia mantenha viva a

⁴⁶ ANDRADE, Iracema Berlanda de. **Entrevista**. Foz do Iguaçu, 31 de julho de 2023.

lembrança daquilo que foi perdido para as águas, mas aos poucos, tanto no papel quanto na mente, os detalhes do que um dia foi um cenário de inúmeras histórias vão se apagando.

A ausência de fontes sobre a comunidade de Vista Alegre nos mostra que ela ficou “esquecida” nas profundezas do Lago de Itaipu, raramente encontramos registros sobre a sua existência. Durante as entrevistas ficou claro que até a documentação da Escola Rui Barbosa foi extraviada depois do alagamento. Visto que quando foi perguntado aos entrevistados sobre registros que comprovem a existência de Vista Alegre, foi nos relatado a ausência de registro da escola no Núcleo de Educação de Foz do Iguaçu.

Não sei dizer, é eu acho que aquele lugar foi esquecido e não foi registrado nunca, enganaram o povo, porque eu estudei lá na escola e um dia eu precisei do histórico escolar para fazer o ensino médio, e não constava o meu histórico, não encontraram porque não constava nem o nome da escola na secretaria de educação de Foz do Iguaçu, então já não sei acho que eles não, não tinha nada registrado ... tanto que pra comprovar o meu o ensino fundamental eu tive que fazer uma prova para poder ter a prova que eu estudei né porque não tinha nada. Daí eu fiz a prova para poder continuar estudando. (ELISABETE BERLANDA VIANA, 2023)⁴⁷

Olha, é até triste falar isso, que quando eu fui, não só eu, é vários casos que até hoje eles vão pedir declaração pra minha mãe que eles fizeram do primeiro ao quarto ano na Escola Rui Barbosa, por que não existe nem na secretaria de educação registro da Escola Rui Barbosa. Foi o maior, eu tive o maior trabalho pra conseguir a declaração que eu tinha estudado lá [...] E até hoje tem pessoas que vem lá pra minha mãe assinar uma declaração dizendo que cursaram do primeiro ao quarto ano nessa escola, porque todos os registros foram perdidos. (IDA ANGELA MATTJE LIRA, 2023)⁴⁸

Mesmo dentre os entrevistados, percebemos que raramente conservaram documentos de suas terras, algum registro escolar, ou qualquer outra lembrança que não sejam apenas algumas poucas fotos e suas próprias memórias. Sem dúvidas, a comunidade foi invisibilizada pelo alagamento e esquecida pelas fontes oficiais. Segundo Marilena Chauí (1987) o progresso, como muitas vezes é retratado nas narrativas oficiais, ignora os impactos culturais e sociais profundos que ele impõe às populações locais. A destruição dos 'suportes materiais da memória', como as terras e as casas, apagar as referências identitárias e culturais dessas comunidades.

"A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (versus mobilidade), a família larga, extensa (versus ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (versos objeto de consumo). Eis aí, alguns arrimos em que a memória se apoiava." Nada mais pungente em seu livro, Ecléa, do que a frase dezenas de vezes repetida pelos recordadores: já não existe mais". Essa frase dilacera as lembranças como um punhal e, cheios de temor, ficamos esperando que cada um dos lembradores não realize o projeto de buscar uma rua, uma casa, uma

⁴⁷ VIANA, Elisabete Berlanda. **Entrevista citada.**

⁴⁸ LIRA, Ida Angela Mattje. **Entrevista citada.**

árvore guardadas na memória, pois sabemos que não irão encontrá-las nessa cidade onde, como você (Ecléa) assinala agudamente, os preconceitos da funcionalidade demoliram paisagens de uma vida inteira. (CHAUÍ, 1987, P. XIX)

A exclusão das memórias de Vista Alegre e das demais comunidades, da narrativa oficial de Itaipu reflete um processo sistêmico de apagamento das histórias das comunidades que não se alinham à versão de progresso promovida pelo Estado e pelas corporações. Como argumenta Pollak (1989), esse apagamento não é involuntário, mas intencional, visando consolidar uma versão dominante dos fatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do uso da História Oral e da análise crítica das narrativas de memória, esta monografia revela as tensões entre o progresso propagado pela construção da Usina de Itaipu e as histórias pessoais daqueles que perderam suas terras e suas referências culturais. A desapropriação, vista sob a ótica dos antigos moradores de Vista Alegre, vai além da perda material, simbolizando o apagamento de identidades e a destruição de memórias que ainda resistem nas lembranças daqueles que viveram a história da comunidade.

A história da Vila de Vista Alegre, submersa pelo Lago de Itaipu, representa um caso emblemático de como o progresso, muitas vezes, vem acompanhado de processos de exclusão e apagamento. A construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu trouxe transformações significativas na região oeste do Paraná, alterando não apenas a geografia local, mas também a vida de milhares de pessoas que tiveram suas terras alagadas e suas memórias relegadas ao esquecimento.

O processo de desapropriação e alagamento, ocorrido no contexto da ditadura militar, foi marcado pela falta de diálogo, ausência de alternativas dignas e um modelo de imposição que priorizou o progresso em detrimento das pessoas. Vista Alegre, assim como muitas outras comunidades afetadas pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, desapareceu sob as águas, deixando para trás histórias de vida interrompidas, laços comunitários desfeitos e um profundo sentimento de perda.

Conforme Maurice Halbwachs (2006), a memória é socialmente construída e está profundamente ligada às relações e ao ambiente em que os indivíduos vivem. O alagamento da Vila de Vista Alegre não apenas destruiu o espaço físico, mas também fragmentou as memórias coletivas dos que ali viviam. A ausência de registros oficiais, como demonstrado pela perda dos documentos da escola Rui Barbosa, reflete o que Michael Pollak (1989) chama de "memórias subterrâneas", aquelas que se opõem ao discurso oficial e são preservadas apenas na oralidade e em lembranças pessoais. Esse apagamento histórico reforça a importância de estudos como este, que visam não apenas registrar fatos, mas também dar voz àqueles que foram excluídos das narrativas oficiais.

Ao longo desta pesquisa, a utilização da História Oral mostrou-se essencial para resgatar essas memórias ocultas. Sônia Maria de Freitas (2006) argumenta que a História Oral permite visibilizar vozes marginalizadas, contribuindo para a construção de uma narrativa mais

inclusiva. Assim, as entrevistas com antigos moradores de Vista Alegre revelaram não apenas os aspectos materiais perdidos com o alagamento, mas também os laços sociais e afetivos que foram rompidos de forma irreparável.

A metodologia empregada, com base na História Oral, permitiu trazer à tona memórias silenciadas, ressignificando a experiência de desapropriação e deslocamento sofrida pela comunidade. As fontes orais e fotográficas, apesar de escassas, foram essenciais para construir um relato fidedigno do cotidiano e dos desafios enfrentados pelos moradores de Vista Alegre, antes e depois do alagamento.

Através desse estudo, ficou claro que, embora o discurso oficial sobre Itaipu celebre o progresso e o desenvolvimento, ele negligencia as histórias de resistência e perda das comunidades submersas. Como nos lembra Pollak (1989), a memória oficial tende a solidificar os fatos sociais, enquanto as memórias pessoais revelam as tensões e contradições entre a história oficial e as lembranças individuais. A história de Vista Alegre é um exemplo desse conflito, onde a memória dos moradores confronta o silêncio imposto pelo poder institucional.

A pesquisa demonstrou que a construção da Usina de Itaipu não trouxe apenas progresso, como retratado em discursos oficiais. O preço pago pelo desenvolvimento foi a perda de um local de pertencimento, de laços afetivos e culturais profundamente enraizados. As indenizações insuficientes e a falta de planejamento para o reassentamento das famílias afetadas evidenciaram o descaso do Estado com os impactos sociais e humanos da obra.

Em suma, esta monografia contribui para a preservação das memórias de Vista Alegre, trazendo à tona uma parte da história que foi apagada pelo avanço das águas e do progresso. A valorização dessas narrativas é fundamental para que possamos entender as múltiplas dimensões do impacto da Usina de Itaipu, lembrando que o desenvolvimento não pode ser medido apenas pelo crescimento econômico, mas também pelo respeito às histórias e vidas daqueles que foram diretamente afetados.

Assim, espera-se que esta pesquisa incentive outros estudos sobre comunidades submersas e esquecidas pela história oficial, promovendo a valorização das memórias individuais e coletivas como fontes fundamentais para a construção de uma história mais inclusiva e plural.

ENTREVISTAS

ANDRADE, Iracema Berlanda de. **Entrevista**. Foz do Iguaçu, 31 de julho de 2023.

ANDRADE, Vilma Berlanda de. **Entrevista**. Curitiba, 20 de janeiro de 2024.

BERLANDA, Maria de Lourdes Zanatta. **Entrevista**. Foz do Iguaçu, 17 de agosto de 2023.

LIRA, Ida Angela Mattje. **Entrevista**. Foz do Iguaçu, 12 de agosto de 2023.

MATTJE, Jurema Berlanda. **Entrevista**. Foz do Iguaçu, 31 de julho de 2023.

VIANA, Elisabete Berlanda. **Entrevista**. Foz do Iguaçu, 03 de setembro de 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** - 2ª ed. - São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**; tradução Vera Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter, 1937. Tradução de Alda Porto. **Variiedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. P. 67-89.

CASTRO, Hebe. **História Social**. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 76-96.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Os trabalhos da memória** [Apresentação]. Memória e sociedade: lembranças de velhos- 2ª ed. - São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

DE LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: BASSANEZI PINSKY, Carla. Fontes Históricas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GERMANI, Guiomar Inez. **Expropriados, Terra e água: o conflito de Itaipu**. Salvador: EDUFBA: ULBRA, 2003.

HAUPT, Laurentino Schwartz. **O Que Era Antes de Ser Itaipu**. Informativo UNICON- 8 de julho de 1978. P. 5.

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945 **A memória coletiva** / Maurice Halbwachs; tradução de Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2006.

HERMANN, Jacqueline. **HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES**. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 474 – 508.

IPARDES. INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **OS VÁRIOS PARANÁS. OESTE PARANAENSE: O 3º Espaço Relevante: especificidades e diversidades** / Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. – Curitiba: IPARDES, 2008.

JELIN, Elizabeth. **La lucha por el pasado: Cómo construimos la memoria social.**- 1ª ed.- Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

JELIN, Elizabeth. **Las tramas del tiempo: Familia, género, memorias, derechos y movimientos sociales** / Elizabeth Jelin ; compilado por Ludmila Da Silva Catela ; Marcela Cerrutti ; Sebastián Pereyra. - 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria.** 2a. ed. Lima, IEP, 2012. (Estudios sobre Memoria y Violencia, 1)

MAZZAROLLO, Juvêncio - **A TAIPA DA INJUSTIÇA: Esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu.** Edições Loyola - São Paulo. 2003.

POLLAK, Michael. **“Memória, Esquecimento, Silêncio”.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. **“Memória e identidade social”.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.

WEBGRAFIA

Itaipu Binacional/Institucional. Disponível em < <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/40-anos-itaipu-transforma-foz-em-um-dos-maiores-municipios-do-parana>> Acesso em: 05 de março de 2024.

Itaipu Binacional/Nossa História. Disponível em <<https://www.itaipu.gov.br/nossa-historia>> Acesso em: 05 de março de 2024.

Itaipu Binacional/ Ata Iguçu. Disponível em <https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/af_df/ataiguacu.pdf> Acesso em: 06 de março de 2024.

Itaipu Binacional/ Tratado Itaipu <<https://www.itaipu.gov.br/sites/default/files/u13/tratadoitaipu.pdf>> Acesso em: 06 de março de 2024.

SOUZA, Edson Belo Clemente de. **POLÍTICAS TERRITORIAIS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL: o planejamento em foco nas margens do Lago de Itaipu - Costa Oeste do Paraná**/REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO, Curitiba, n.115, p.125-147, jul./dez. 2008 p. 126. Disponível em <<https://ipardes.emnuvens.com.br/revistaparanaense/article/view/6/6>> Acesso em: 07 de agosto de 2024.